



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

**Eixo TEMÁTICO: Práticas
interdisciplinares e diversidade na
educação básica**

**Elson dos Santos Gomes
Junior**

*Mestre em Sociologia Política
pela Universidade Estadual do
Norte Fluminense Darcy Ribeiro*
elsonuenf@yahoo.com.br

**APONTAMENTOS SOBRE A
DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO A
PARTIR DA SOCIOLOGIA DE JESSÉ
SOUZA**

**NOTES ON INEQUALITY IN
EDUCATION FROM THE
SOCIOLOGY OF JESSÉ SOUZA**



RESUMO

O presente artigo apresenta uma abordagem a respeito da desigualdade na educação a partir da perspectiva teórica do sociólogo brasileiro Jessé Souza. Essa discussão faz parte de uma pesquisa de doutorado (PPGSP-UENF) sobre o conceito de conservadorismo no pensamento social brasileiro e, assim, abrange, em parte, a análise da produção e reprodução das desigualdades de classe no Brasil em importantes ícones da sociologia brasileira. A metodologia empregada é de cunho qualitativo e bibliográfico, onde apresentarei, através das principais obras do autor, o tema da desigualdade na educação e sua reprodução a partir de uma análise que contribui com um robusto aparato teórico, sem com isso, deixar de se associar investigações empíricas que, por sinal, são de cunho bastante enriquecedor. Os resultados apontam para a constatação de que, as desigualdades na educação, mais do que o acesso à educação formal de qualidade excelente ou regular, estão intimamente associadas a uma precária socialização primária e a ausência de uma disciplina corporal para o desenvolvimento de um “*habitus*” competitivo. Assim, para a população concernente à “*ralé*”, o cotidiano de disputas por bens escassos reservou, nada mais, do que um aparato moral de acomodação à exclusão das melhores oportunidades que, como evidenciam as pesquisas, acabam marcando a vida de milhões de pessoas que, assim, não respondem as necessidades da gramática política da modernidade.

Palavras-chave: Desigualdade. Educação. Socialização Primária. Família. *Habitus*.

ABSTRACT

This article presents an approach to inequality in education from the theoretical perspective of Brazilian sociologist Jessé Souza. This discussion is part of a doctoral research (PPGSP-UENF) on the concept of conservatism in Brazilian social thought and, thus, covers, in part, the analysis of the production and reproduction of class inequalities in Brazil in important icons of Brazilian sociology. The methodology used is of a qualitative and bibliographic nature, where I will present, through the author's main works, the theme of inequality in education and its reproduction from an analysis that contributes with a robust theoretical apparatus, without ceasing to be associated with it. empirical investigations that, by the way, are quite enriching. The results point to the fact that inequalities in education, more than access to formal education of excellent or regular quality, are closely associated with a precarious primary socialization and the absence of a corporal discipline for the development of a “*habitus*” competitive. Thus, for the population concerned with the “*rabble*”, the daily disputes over scarce goods reserved nothing more than a moral apparatus of accommodation to the exclusion of the best opportunities that, as the research shows, end up marking the lives of millions of people, which, thus, do not respond to the needs of the political grammar of modernity.

Keywords: Inequality. Education. Primary Socialization. Family. *Habitus*.



1. INTRODUÇÃO

O campo de estudos denominado de “pensamento social e político brasileiro” se consolidou na década de 1990 e, entre as principais características, encontra-se o “deslocamento” das análises que até então estiveram centradas em estudos sobre o “Estado” (BRANDÃO, 2007). Essa mudança favoreceu a ampliação da perspectiva analítica e o surgimento de uma série de temas e problemáticas que passaram a ser tratados neste campo, entre os quais, podemos destacar a questão racial (FERNANDES, 2008), a cultura política (NUNES, 2004), a modernidade (HOLANDA, 1969), o autoritarismo (DAMATTA, 1997), e a cultura (FREYRE, 2006).

Neste quadro a temática deste trabalho se encontra no âmbito educacional, mais precisamente, o lugar da educação no pensamento social brasileiro desenvolvido pelo sociólogo Jessé Souza (2012; 2020). Sua teoria social, apesar de não apresentar uma obra dedicada exclusivamente a educação, tange constantemente essa temática que acabou ganhando uma importância sem igual em seus trabalhos.

Assim o objetivo deste trabalho se encontra na apresentação de uma sociologia da educação que, entre outros elementos, dedica-se exclusivamente a elucidação de uma dimensão pouco explorada da desigualdade social e, por conseguinte, educacional no já mencionado campo de estudos. Esta se manifesta de forma silenciosa na vida de aproximadamente um terço da população brasileira (FREITAS, 2012), contudo, seus efeitos são tão devastadores quando os identificados por meio de paisagens formadas por moradias e bairros precarizados, pela desigualdade de renda e formas históricas de estratificação socioeconômica.

Para os propósitos deste trabalho a metodologia empregada é de cunho qualitativo bibliográfico, onde serão analisados duas das principais contribuições de Jessé Souza para pensarmos a Educação. Uma possui como proposta a apresentação de seu marco teórico (SOUZA, 2012) e a outra, além dessa perspectiva, apresenta uma série de estudos empíricos com o fito de embasar tais pressupostos. Assim, (I) apresentaremos uma pequena revisão da literatura salientando a temática educacional e sua presença no pensamento social brasileiro, (II) abordaremos os pressupostos conceituais e analíticos da sociologia de Jesse Souza para a



educação e, por fim, (III) trataremos de algumas possibilidades e problemas que nos deparamos com o uso de tal sociologia da educação.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A temática da educação se encontra em diversos autores do pensamento social brasileiro, neste sentido, realizaremos uma abordagem com o objetivo de demonstrar que esta não é recente e, muito menos, inaugurada pela sociologia de Jessé Souza (2012; 2020). Entre os autores que são estudados neste campo e que possui grande contribuição encontra-se Manoel Bomfim (1968-1932). Sua obra, além de se caracterizar pela criticidade, é marcada por uma “rebeldia” (CÂNDIDO, 1990) que o fez um dos grandes críticos das estruturas conservadoras e excludentes do Brasil no início do século XX. Além disso, sua preocupação com a educação o tornou referência neste âmbito (GONTIJO, 2010) e demonstrou muito de sua crença na educação através do “batismo da instrução” (BOTELHO, 1997) e suas possibilidades para o desenvolvimento nacional.

Outro importante pensador brasileiro foi Fernando de Azevedo (1894-1974) que escreveu uma das grandes obras sobre o tema denominada de “A cultura Brasileira” (2010). Sua atuação como educador e gestor educacional o levou ao tratamento de questões muito importantes para a educação brasileira, principalmente, quando consideramos que escreveu durante a consolidação do surto modernizador no Brasil após 1930. Assim, abordou questões sobre a importância do ensino de Educação Física, sobre a relação entre educação e formação humana, os desafios educacionais para a sociedade em transformação entre outros temas (PENNA, 2010).

Outro importante pensador e sociólogo brasileiro que se dedicou ao tema da educação foi o paulista Florestan Fernandes (1920-1995) e que realizou importantes contribuições analíticas de cunho sócio-histórico (FERNANDES, 1966; 1975; 1984; 1989). Sua sociologia da educação denunciou a transferência de recursos públicos para o setor privado, o afunilamento dos níveis educacionais e a desigualdade de oportunidades – ou seja, quanto mais elevado o nível educacional, mais as classes baixas encontram-se fora do sistema educacional –, apontou para a necessidade de uma educação para um “novo homem” que, antes de qualquer objetivo econômico, deve prezar pelo desenvolvimento humano.



A temática da educação também se encontra presente entre os autores conservadores, como é o caso de Alceu Amoroso Lima (CURY, 2010). Este autor encontra-se entre os expoentes do pensamento católico no Brasil e sua vasta obra certamente se enquadra em uma grande contribuição para a história da educação brasileira. Alceu Amoroso Lima e Florestan Fernandes foram grandes debatedores que, tanto em âmbito acadêmico quando no espaço público e político, colocaram o tema da educação como um dos grandes desafios para o Brasil e fonte de interesse diverso.

Assim o tema da educação se faz presente nos autores estudados pelo pensamento social brasileiro e, mesmo que não seja de maneira tão evidente como nos autores citados até então, tangenciou boa parte dos autores incontestes deste campo como, por exemplo, Gilberto Freyre (1900-1987). Seu culturalismo e interpretação do Brasil apontou para uma perspectiva culturalista que afetou em muito a educação brasileira (LIMA, 2010). Além dele podemos problematizar com Sergio Buarque de Holanda a respeito da relação entre educação e modernidade a partir de sua análise em “Raízes do Brasil” (HOLANDA, 1969) ou, em outra perspectiva, sobre a importância da educação em um país marcado pelo “sentido colonial” descrito por Caio Prado Junior em “Formação do Brasil Contemporâneo” (PRADO Jr., 1994).

A íntima relação entre a temática da educação e o pensamento social brasileiro, além de atualizar os educadores e cientistas a respeito das principais problemáticas educacionais, nos conduz a questionamentos e novos desafios. Assim o próprio desenvolvimento das pesquisas e do processo histórico nos colocam diante de novos questionamentos. Estamos assim realizando até mesmo as mesmas perguntas, contudo, buscando novas respostas ou, ao menos, nos aproximar com mais clareza dos desafios que nos foram colocados. Diante disso, através da sociologia de Jessé Souza (2012; 2020), buscaremos uma contribuição deste autor para o velho problema da desigualdade.

Neste sentido não nos deteremos ao estritamente econômico (PRADO Jr., 1994), Cultural (LIMA, 2010) ou crítico (BOTELHO, 1997; FERNANDES, 1989), mas sim, a uma perspectiva que tenta compreender através do “reconhecimento” e do “*habitus*” como a desigualdade educacional se produz e se reproduz na sociedade brasileira.



3. A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JESSÉ SOUZA

A contribuição da sociologia da educação em Jessé Souza se baseia, principalmente, na tentativa de síntese teórica de dois autores, sendo estes, o canadense Charles Taylor (2013) e o francês Pierre Bourdieu (2011). Essa investida teórico-analítica foi inaugurada a partir da interpretação da existência de uma “seletividade” na interpretação do Brasil a partir de autores do pensamento social. Esta caracterizou-se, segundo Souza (2000), pelo destaque do Brasil do processo histórico global do capitalismo, que acabou tornando as interpretações com um viés de “singularidade” não condizente com a realidade.

Com Taylor (2013) Jessé (2012) trouxe a compreensão de que o “reconhecimento”, tão presente nas análises do canadense, é “universalizante” e atende ao que denominou de “princípio da dignidade”. Além disso, este é “particularizante”, ou seja, busca atender ao “princípio da autenticidade”. Este quadro é entendido, de modo geral, como a forma moderna de atendimento das necessidades humanas vitais de um lado e, por outro, denuncia, com a ausência destas o “não reconhecimento”.

Jessé Souza (2012) salienta a importância da contribuição de Taylor (2013), contudo, destaca que esta ficou excessivamente centrada na ideia de “autenticidade”. Isso contribuiu para que na teoria do reconhecimento de Taylor a perspectiva da “dignidade” como necessidade humana vital ficasse em segundo plano. Além disso, em tom de crítica, evidencia que tal aparato teórico parece ter como superado – nos países centrais – a necessidade de dignidade, ou seja, como se a pobreza e exclusão fossem temáticas resolvidas nestes países.

Jessé Souza (2012) chama a atenção para o fato de que tanto o reconhecimento quanto a dignidade são dimensões importantes e que, seja nos países centrais ou nos países de capitalismo tardio, tais dimensões são indispensáveis. A diferença se encontra no fato de que, nos primeiros, as melhores condições sociais fazem com que o reconhecimento por autenticidade seja mais evidente, contudo, nada que signifique dizer que os problemas sociais desses países foram resolvidos.

Para Jessé Souza (2012) a ênfase no “reconhecimento”, também, acaba tendo como efeito colateral o fortalecimento do “mito da igualdade de oportunidades”, ou seja, que a busca por reconhecimento se justifica, também, pela já supostamente superada questão da dignidade humana na sociedade burguesa atual. Assim sem deixar de reconhecer a



importantíssima contribuição de Taylor (2013), Jessé Souza (2012) traz para o debate a sociologia de Bourdieu (2011) como forma de complementar a leitura a respeito da dignidade.

Esse quadro analítico ganha com Bourdieu (2011) um grande folego, principalmente, pelo fato deste demonstrar de forma magistral as formas de construção de mecanismos distintivos pelas classes burguesas. Apesar de seu estudo se referir a França moderna, não deixa de contribuir para o entendimento de que, independente do nível de desenvolvimento econômico de uma sociedade, sempre haverá mecanismos, mesmo que operacionalizados através de poderes simbólicos, de distinção social.

Nesse quadro que Jessé Souza salienta como o mais importante da sociologia de Bourdieu, ou seja, o desmascaramento sistemático da “ideologia da igualdade de oportunidades” (SOUZA, 2012, p.43). Neste sentido, ao tratar da relação entre “estrutura”, “*habitus*” e “práticas”, Bourdieu vai demonstrar, por exemplo, que o simples fato de pertencer a uma determinada família pode ser um fator determinante de sucesso na vida de um indivíduo.

A importância deste tripé é salientada por Jessé Souza ao dizer, sobre o *habitus*, que este “implica a inscrição dessas precondições, especialmente as relativas às experiências infantis, que passam a ser traduzidas no sujeito como um conjunto de estruturas perceptivas e avaliativas servindo como uma espécie de filtro para todas as outras experiências ulteriores” (SOUZA, 2012, p.46).

O “*habitus*” é assim infinitamente superior a simples “intenção” por se caracterizar como um conjunto de mecanismos marcadores de dominação que naturaliza as relações, justamente, por ser depositado no corpo dos indivíduos (SOUZA, 2012). É essa forma de “capital simbólico” adquirido e cultivado pelas classes dominantes que as tornam promotoras de ideias, muitas vezes, tendenciosas ao conservadorismo. Isso também pelo fato de que esse tipo de capital não é adquirido através de uma simples conversão, mas sim, implica em investimentos e custos para as classes dominantes.

A questão que inquietou Jessé Souza (2012) nessa análise encontra-se no fato de que essa forma de distinção implica na promoção de um “véu mascarador”, “opacidade” e em uma “mais-valia simbólica” (BOURDIEU, 2011). As estruturas de socialização e de obtenção de capital simbólico através do *habitus* são, na maioria das vezes, travestidas pela “ideologia do mérito” (SOUZA, 2020) e, assim, deixam obscurecidas as formas silenciosas de produção e reprodução das desigualdades sociais que, tanto para Bourdieu (2011) quanto para Jessé



Souza (2012; 2020), passam pela dimensão educacional e deixam marcas profundas no quadro global a respeito da desigualdade social em um país.

A través de Taylor (2013) Jessé Souza (2020) buscou as “fontes da moralidade ocidental” – o trabalho e a família – e em Bourdieu (2011) trouxe para o debate a forma de “distinção estética” das classes superiores para, então, apontar para a reprodução da desigualdade em uma perspectiva educacional que, primeiramente, nasce nos lares e se estende até as instituições.

A educação é assim diretamente associada a “pré-condições” sociais (SOUZA, 2020, p.28) que possibilitam, através da primeira socialização, a aquisição de um “*habitus*” eficiente, capaz de gerar confiança, autoestima, disciplina (entendida aqui como a capacidade de condicionar o corpo para o aprendizado com vistas a recompensas sociais e emocionais), que, em suma, tornariam tais indivíduos “aparelhados” para as necessidades do mundo moderno.

Neste conjunto de fatores também se encontra uma economia afetiva onde os indivíduos sentem-se amados, respeitados e possuem seus sonhos valorizados dentro de um horizonte de possibilidades reafirmadas pelos valores e práticas citados anteriormente. Neste sentido, aos indivíduos que adquiriram um “*habitus* precário”, restou-os o “dispêndio de energia muscular, ou seja, as possibilidades de reconhecimento pelo trabalho intimamente associado à força física e que, em termos de recompensa, se pauta pela ideia de enobrecimento através do trabalho (SOUZA, 2012; 2020).

Essa lógica é, segundo Jessé Souza (2012; 2020) reiterada e naturalizada basicamente de duas formas. Na primeira – associada as classes dominantes – existe a naturalização da desigualdade social através da “ideologia do mérito”. Esta se configura em uma forma perversa de justificativa das conquistas alcançadas, uma vez que pressupõe que apenas pelo esforço individual, suas conquistas foram alcançadas e que, por isso, estão à disposição de qualquer um que as queira bastando apenas que se esforcem. Essa perspectiva, além de toda perversidade, não esclarece que os bens sociais de prestígio são escassos e que, por isso, o acesso a estes bens só pode ser alcançado mediante um desequilíbrio de requisitos socioeconômicos, culturais e emocionais.

Na segunda – associada aos grupos sociais marginalizados identificados por Jessé Souza (2020) como a “ralé brasileira” –, o que restou foi uma ética do trabalho distorcida que, de diversas formas, reitera a culpa dos excluídos como fruto da vontade individual. Além disso,



salienta que o trabalho – este associado exclusivamente ao dispêndio muscular – é uma forma de orgulho pois faz parecer que o desempenho de tais funções possui algo de meritocrático, de escolha e de distinção em relação aos tipos sociais marginalizados presentes no imaginário coletivo – bandidos, dependentes químicos, traficantes e ladrões.

Do outro lado desta interpretação sociológica encontra-se as instituições que, no que tange a educação, manifestam aquilo que Jessé Souza (2020) chamou de “má-fé institucional”. Este conceito é muito importante – não estando limitado apenas à educação –, pois demonstra que ao receber as crianças as instituições escolares os impõem toda sorte de ensinamentos pautados em requisitos sociais e emocionais que boa parte destes desconhecem. Assim, além de todos os problemas estruturais, a escola reforça a seletividade e a desigualdade social através do emprego de técnicas educativas que são desconhecidas por pelo menos um terço da sociedade brasileira (FREITAS, 2020).

A “má-fé institucional” (SOUZA, 2020) é assim um denuncia de que as instituições escolares precisam se atentar para um sistema de educação que possa buscar equalizar ou, pelo menos, oportunizar a conquista de melhores níveis de capital cultural e emocional para que o ambiente escolar se faça mais inclusivo. Assim, mais do que conteúdos e professores, a instituição escolar deve olhar para os corpos indisciplinados, para as dificuldades de concentração, para as histórias de vida, para os ambientes familiares, entre tantos fatores (FREITAS, 2020), como sinais da necessidade de humanizar a escola e torna-la menos exclusiva.

Considerando estes fatores – e afirmando que a abordagem desenvolvida até aqui não passa de apontamentos podendo por isso ser melhor sistematizada – podemos considerar esta a proposta de análise da educação contida na sociologia de Jessé Souza (2012; 2020). Diante disso, realizaremos algumas considerações a seguir com o fito de salientar possíveis problematizações para a ampliação e melhor esclarecimento do cotidiano escolar e seus desafios para os sujeitos envolvidos.

4. POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES ANALÍTICAS

A sociologia proposta por Jessé Souza (2012; 2020) nos proporciona um horizonte analítico que nos impede de conceber a educação como prática estritamente “formal”, assim, mais do que conteúdos e experiências, esta passa a contemplar um passado – referente a cada



educando e suas conquistas socioeconômicas e emocionais – e um futuro – entendido como horizonte possível para os detentores dos requisitos instituídos pela sociedade moderna. Esse horizonte passa a ser permeado por uma série de fatores, entre os quais, podemos citar os averiguados nos estudos empíricos baseados nos pressupostos teóricos analisados neste trabalho (FREITAS, 2020) como “estrutura familiar”, “história de vida”, nível médio de escolaridade do núcleo familiar, acesso a bens culturais, moradia, infraestrutura urbana, acesso a serviços, economia emocional, entre outros.

Assim a educação deixa de ser apenas avaliada por dados mensuráveis quantitativamente e passa a considerar elementos qualitativos que, na verdade, são os diferenciais para o sucesso manifesto através de um trabalho de prestígio social e de reconhecimento (SOUZA, 2012; 2020). Além disso contribui para o “desmascaramento” da “ideologia do mérito” que, entre outros fatores, culpa os desfavorecidos pelos infortúnios da vida e pela marginalização que lhes foi imposta como se fosse por simples força de vontade, ou ausência dela.

Por outro lado, podemos questionar se os requisitos da sociedade moderna apresentados por Jessé Souza (2000; 2012; 2020) em sua sociologia não são também uma forma de imposição da “dominação burguesa” que, apesar de reconhecer a escassez de recursos de tal modelo, não aponta para qualquer projeto de superação que possa ir além deste mercado “escasso”.

Desta forma essa perspectiva analítica que busca desconstruir a ideologia do mérito, ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de acomodação nos pilares de desenvolvimento emocional, cultural e econômico da sociedade burguesa e, com isso, parece estar longe de questionar tais estruturas por uma análise “para além do capital” (MÉSZÁROS, 2008). A crítica assim parece esmorecer diante de uma possível necessidade de ruptura que, apesar de cruel e escassa, deve pautar-se dentro de uma lógica analítica, social e política do “aburguesamento” (FERNANDES, 2011; 2014).

Diante de tais considerações podemos perceber que a sociologia de Jessé Souza (2012; 2020) trouxe importantes contribuições e questionamentos, iluminou questões a respeito da produção e reprodução da desigualdade e nos alertou a respeito da falsidade da “ideologia do mérito”. No entanto, longe de apontar para o rompimento das estruturas que, também, naturalizam a escassez, buscou uma reconciliação com a modernidade burguesa e que, de certa forma, deixou-se levar por uma certa naturalização da escassez. Apesar de apontar para



a necessidade de estruturação familiar e da ampliação de estruturas emocionais e culturais, não se aventurou em apontar os caminhos para tais conquistas em um sistema de escassez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a apresentação dos pressupostos de uma sociologia da educação na teoria social de Jessé Souza (2000; 2012; 2020). Acreditamos que pudemos demonstrar que existe um horizonte analítico que pode ser desenvolvido a partir das fontes teóricas por ele apropriadas e que, nos trabalhos citados, já demonstram grande capacidade elucidativa.

Além de tais pilares analíticos acreditamos ser de grande valia o apontamento de certas limitações, principalmente, pelo fato de que o pensamento crítico se faz justamente por essa via, ou seja, reflexão, ação e reflexão. Como o próprio Jessé Souza (2020) afirmou, ele também se dispôs ao “confronto” de sua teoria com a realidade e demonstrou sua validade em diversas instâncias além da educacional.

Assim esperamos que sua sociologia possa abarcar, além de críticas a alguns autores, o cotidiano das perspectivas teóricas por ele analisadas – círculos acadêmicos, formação de pessoal qualificado, produções em outros campos além do sociológico e também o contexto histórico de cada intelectual –, como forma de enriquecer ainda mais sua contribuição no sentido apontado por Mannheim (1972). Desta forma, quem sabe, além de apontamentos possamos ter uma assumida sociologia da educação jesseniana capaz de ampliar os horizontes por ele desbravado nas Ciências Sociais contemporâneas e que possa ter maior conexão e impacto no campo de pesquisas educacionais.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. São Paulo: Edusp, 2010.
- BOTELHO, André – O batismo da instrução: atraso e modernidade em Manoel Bomfim. Dissertação de mestrado, UNICAMP, Campinas, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: ZOUK, 2011.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: HUCITEC, 2007.



CANDIDO, Antonio – “Radicalismos”. Revista Estudos Avançados, vol. 4, nº 8, São Paulo, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n8/v4n8a02.pdf>.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Aleceu Amoroso Lima. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6º Ed. Rio de Janeiro, ROCCO, 1997.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Globo, 2 volumes, 2008.

_____. A revolução burguesa no Brasil. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

_____. Brasil: em compasso de espera – pequenos escritos políticos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

_____. Educação e sociedade no Brasil. São Paulo: Dominus Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

_____. Florestan Fernandes na Constituinte: leituras para a reforma política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014.

_____. Florestan. A questão da USP. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. O desafio educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. Universidade Brasileira: reforma ou revolução?. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. 3ª ed. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”. São Paulo: Global, 2006.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Raízes do Brasil. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LIMA, Mário Hélio Gomes de. Gilberto Freyre. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.



MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

NUNES, E. Gramática Política do Brasil: Clientelismo e Insulamento Burocrático. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

PENNA, Maria Luiza. Fernando de Azevedo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

PRADO Jr., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SOUZA, Jessé. A Construção social da subcidadania. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. A modernização seletiva. Uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: UNB, 2000.

_____. A ralé brasileira: quem é e como vive. 3ª ed. São Paulo: Contracorrente, 2020.

TAULOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Elson dos Santos Gomes Junior

Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica na Rede Federal de Ensino.